

## **Entrevista: Hora de oxigenar o setor nuclear**

Idade média dos trabalhadores da Eletronuclear é de 53 anos. Se não houver renovação, acervo técnico será perdido, alerta Ruth Soares Alves, presidente da Aben

[18.08.2014] 14h52m / Por Júlio Santos

O Plano Nacional de Energia (PNE) 2030 prevê a construção de quatro a oito novas usinas nucleares no Sudeste e Nordeste, além de Angra 3, mas até agora nada foi determinado. Além da falta de decisão política para optar por novas nucleares, o setor tem outro problema: o risco de ficar à margem do desenvolvimento desta tecnologia devido à perda de mão de obra de alta especialização. É o que pensa Ruth Soares Alves, presidente da Aben.

"É preciso atrair mão de obra jovem e treiná-la com objetivos específicos para as aplicações com energia nuclear. Sem projetos, isso fica difícil", aponta a executiva. Ruth destaca iniciativas como a formação da primeira turma do curso de energia nuclear da UFRJ, no fim deste ano, como uma luz no túnel para oxigenar o setor de energia nuclear.

### **Por que o setor nuclear não avança no Brasil?**

Essa é uma decisão eminentemente política do governo e do seu planejamento estratégico. O país precisa de uma política para energia nuclear como um todo, não só para construir novas usinas, mas também para desenvolver uma série de aplicações como na medicina e no desenvolvimento de combustível. Do contrário, não vamos ter mão de obra, tecnologia e nem como acompanhar o mercado.

**No caso da geração elétrica, uma vez tomada a decisão, será necessário ter mão de obra qualificada e especializada. Teremos recursos humanos para isso?**

Alguma coisa está sendo feita, mas é mesmo por decisão de alguns heróis. Hoje, a Eletronuclear tem uma mão de obra muito envelhecida, com idade média de 53 anos. Seria maior, de 58 anos em média, se não usasse técnicos mais jovens na área de operação.

**Então, este é o risco para a expansão desta fonte por aqui?**

Este pessoal todo vai ter que se aposentar, encerrar seu período produtivo. Corremos o risco de perder este acervo técnico. Não se tem um programa de substituição, pois as contratações dependem de decisão do Ministério do Planejamento. Muitos dos que vão sair são engenheiros ou técnicos altamente capacitados, sem que o mercado tenha similares. Aliás, engenheiro nuclear é uma coisa rara no mundo. Não se consegue contratar. Este envelhecimento acontece em outros países do mundo, como Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha.

### **E como compensar esta carência de pessoal?**

Com a formação em qualquer ramos da Engenharia, pode-se trabalhar com aplicações de energia nuclear. Não é preciso ter um curso específico. O que se precisa é atrair mão de obra jovem e treiná-la com objetivos específicos, papel que caberá às empresas. Mas se não existem projetos, vamos treinar as pessoas com que objetivo. Para atrair os jovens, além de salário, tem que oferecer para eles perspectivas de futuro.

### **Existe alguma iniciativa voltada para a formação de novos quadros para o segmento nuclear?**

Nas universidades, têm alguma coisa nova acontecendo sim. Por exemplo, no final deste ano se forma a primeira turma do curso de energia nuclear da UFRJ. Também existe um curso similar na Universidade Federal do ABC (SP) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) abriu um curso, além da existência de centros técnicos. São iniciativas que começam a abrir o mercado.

### **No mundo, o que se tem hoje de base de energia nuclear?**

O mundo hoje está muito efervescente. São 436 usinas em operação ou desligadas para manutenção e existem outras 71 em construção, segundo dados da AIE (Agência Internacional de Energia). Dados da World Nuclear Association mostram que existem planos para construção de 170 reatores e outros 250 estão sendo propostos.

Felipe Grandin  
Editor  
Revista Brasil Energia